

FERNANDO MORAIS

**OS
ÚLTIMOS
SOLDADOS
DA
GUERRA
FRIA**

A HISTÓRIA DOS AGENTES
SECRETOS INFILTRADOS
POR CUBA EM ORGANIZAÇÕES
DE EXTREMA DIREITA
NOS ESTADOS UNIDOS

Copyright © 2011 by Fernando Morais

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico e capa
Hélio de Almeida

Preparação
Márcia Copola

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Huendel Viana
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morais, Fernando
Os últimos soldados da Guerra Fria / Fernando Morais. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Bibliografia.
ISBN 978-85-359-1934-9

1. Conspiração 2. Cuba - Política e governo 3. Espionagem - Estados Unidos 4. Estados Unidos - Política e governo 5. Guerra Fria 6. Julgamentos (Espionagem) - Estados Unidos 7. Presos cubanos - Estados Unidos 1. Título.

11-07176 CDD-070.44

Índice para catálogo sistemático:

1. Cubanos presos nos Estados Unidos acusados de espionagem : Reportagens : Jornalismo 070.44

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

1

VETERANO DA GUERRA DE ANGOLA, RENÉ ROUBA UM AVIÃO EM CUBA,
POUSA EM MIAMI E É RECEBIDO COMO HERÓI 9

2

CERCADOS POR AMEAÇADORES MIGS CUBANOS, PEQUENOS AVIÕES
DECOLAM DA FLÓRIDA, SOBREVOAM HAVANA E ATIRAM SOBRE A CIDADE
MEDALHAS DE SANTOS E PANFLETOS CONTRA FIDEL CASTRO 33

3

DA NOITE PARA O DIA, 130 MIL PESSOAS FOGEM DE CUBA PARA
OS ESTADOS UNIDOS E DERROTAM JIMMY CARTER E BILL CLINTON 61

4

O CUBANO GERARDO HERNÁNDEZ ABANDONA A CARREIRA
DIPLOMÁTICA, MUDA DE IDENTIDADE E DESEMBARCA EM MIAMI
COMO O PORTO-RIQUENHO MANUEL VIRAMÓNTEZ 91

5

EM MEADOS DE 1995 A REDE VESPA TEM TREZE AGENTES
CUBANOS INFILTRADOS EM ORGANIZAÇÕES ANTICASTRISTAS.
MAS O FBI JÁ ESTÁ DE OLHO NELES 115

6

O AMOR ATACA OS AGENTES SECRETOS: TONY SE CASA COM
A NORTE-AMERICANA MAGGIE E RENÉ
CONSEGUE LEVAR OLGA E A FILHA PARA MIAMI 143

7

JOSÉ BASULTO DESAFIA A CASA BRANCA E OS MIGS CUBANOS E
DECIDE VOAR MAIS UMA VEZ SOBRE HAVANA 165

8

A TORRE CUBANA AUTORIZA OS CAÇAS MIG A DISPARAR: SEGUNDOS
DEPOIS, DOIS CESSNAS SÃO PULVERIZADOS SOBRE O ESTREITO DA FLÓRIDA 187

9

O MERCENÁRIO CRUZ LEÓN NÃO QUERIA MATAR NINGUÉM. SEU SONHO ERA SER IGUAL A SYLVESTER STALLONE	207
--	-----

10

POR 7500 DÓLARES, O SALVADORENHO VOLTA A CUBA PARA COLOCAR MAIS CINCO BOMBAS EM HOTÉIS E RESTAURANTES	233
--	-----

11

OS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA DE CUBA MONTAM DUAS ARMADILHAS, MAS NÃO CONSEGUEM PEGAR <i>BARRIGÃO</i> , O RECRUTADOR DE MERCENÁRIOS CONTRATADO POR MIAMI	263
--	-----

12

FIDEL CASTRO ENVIA A BILL CLINTON UMA CARTA COM DENÚNCIAS CONTRA AS ORGANIZAÇÕES DE EXTREMA DIREITA DA FLÓRIDA. O POMBO-CORREIO É O PRÊMIO NOBEL GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	287
---	-----

13

SEIS AGENTES DO FBI CHEGAM SIGILOSAMENTE A HAVANA E RETORNAM AOS ESTADOS UNIDOS COM UM CONTÊINER DE INFORMES PRODUZIDOS POR ORDEM DE FIDEL CASTRO SOBRE AS ORGANIZAÇÕES DA FLÓRIDA	307
--	-----

14

UM RETRATO DA MIAMI CUBANA: O MILITANTE ANTICASTRISTA RODOLFO FRÓMETA, O JORNALISTA PRÓ-CUBA MAX LESNIK E O ESCRITOR MARXISTA NORBERTO FUENTES	341
--	-----

15

LEONARD WEINGLASS, ADVOGADO DE JANE FONDA, ANGELA DAVIS E DOS PANTERAS NEGRAS ENTRA NA DEFESA DOS CINCO CUBANOS, MAS A SORTE DELES JÁ ESTAVA LANÇADA	365
--	-----

EPÍLOGO	385
ESTE LIVRO	395
ENTREVISTADOS	397
BIBLIOGRAFIA	399
CRÉDITOS DAS IMAGENS	403
ÍNDICE ONOMÁSTICO	405

1

**VETERANO DA GUERRA
DE ANGOLA, RENÉ ROUBA
UM AVIÃO EM CUBA,
POUSA EM MIAMI
E É RECEBIDO COMO HERÓI**

Fazia muito calor em Havana naquele fim de outono de 1990. A única bênção da natureza, nessa época do ano, é que a noite cai mais cedo, antes das seis da tarde, varrendo a cidade com uma leve e fresca aragem vinda das ondas do Caribe. Embora fosse um sábado — 8 de dezembro de 1990, ela jamais esqueceria esse dia —, Olga decidira gastar a folga fazendo trabalho voluntário na Tenerías Habana, empresa estatal da qual era engenheira. Por volta das sete horas, noite fechada, desceu do ônibus na arborizada Quinta Avenida e caminhou uma quadra até o modesto apartamento em que vivia com o marido, René, e a filha, Irmita, no outrora elegante bairro de Miramar, a meia hora do centro da capital. Ao sair de casa, no final da manhã, Olga propusera a René que deixassem a menina de seis anos com a avó e aproveitassem para assistir a um filme brasileiro dirigido por Miguel Faria Jr., *Estelinha*, que naquela noite abriria o Festival de Cinema Latino-Americano no cine Yara, no centro da cidade.

Quando voltou para casa, Olga percebeu que as luzes do apartamento estavam apagadas — sinal de que René se atrasara e que o festival de cinema ia ficar para outro dia. Ao entrar e acender as luzes, viu que Dândi, o cachorrinho da filha, rasgara com os dentes uma pilha de jornais velhos, espalhando pedaços de papel por todos os lados. Quando foi à cozinha pegar uma vassoura, ouviu a vizinha falar com alguém:

— Olhem, acenderam as luzes. Ela chegou.

Segundos depois bateram à porta. Abriu e deu com dois homens de ar grave. Um deles se adiantou:

— A senhora é Olga Salanueva, esposa de René González? Podemos entrar?

A reação foi imediata: o marido, piloto e instrutor de paraquedismo, sofrera um acidente aéreo.

— Quem são vocês? Onde está René? O que aconteceu com ele?

O homem tentou acalmá-la:

— Somos do Ministério do Interior. Por favor, sente-se, nós vamos lhe explicar.

— Explicar o quê? Meu marido! O que aconteceu com meu marido? Ele está ferido? Está vivo?

— A senhora sabia que seu marido ia voar hoje?

— Sim, sabia. O que aconteceu com ele?

A resposta, ela se lembraria depois, teve o efeito de uma pancada com um taco de beisebol na cabeça:

— Seu marido desertou.

— René? Imagine! René é um veterano de Angola, um militante do Partido! De onde vocês tiraram isso?

— René roubou um avião no aeroporto de San Nicolás e fugiu para Miami.

— Não acredito! Não acredito! Isso é uma infâmia!

A despeito do transtorno dela, o homem continuou seco, imperturbável:

— A senhora tem rádio em casa? Se tiver, ligue na Radio Martí.

Criada em maio de 1985 pelo presidente norte-americano Ronald Reagan para difundir propaganda anticastrista junto à população cubana, a estação podia ser sintonizada em ondas curtas até no pequeno rádio de pilhas de Olga. Com o coração acelerado ela localizou o sinal no aparelho e a voz do marido se espalhou pela casa, cristalina, na entrevista que vinha sendo repetida o tempo todo, desde o meio da tarde:

— Tive que fugir. Em Cuba falta luz, falta comida, até a batata e o arroz estão racionados. O combustível para nossos aviões é contado gota a gota. Para mim, Cuba acabou.

O estarem de Olga era mais que justificado. René, 34 anos, mais de 1,80 metro de estatura, magro, rosto seco, nariz pronunciado e olhos claros rodeados por discretas olheiras, era um herói de guerra condecorado pelo governo cubano. Formava um belo par com Olga, um palmo mais baixa e três anos mais jovem que o marido, atraente, ar decidido, sobrancelhas marcadas e farta cabeleira. Além de filhos de operários, os dois tinham em comum a militância no Partido Comunista, no qual haviam sido admitidos fazia poucos meses, e o fato de gostarem de crianças e de cachorros. A principal diferença entre eles estava na origem: Olga era *habanera* legítima, de pai e mãe, e René cidadão norte-americano, nascido em Chicago. Também comunista de carteirinha, o pai dele, o metalúrgico Cândido, emigrara para o Texas em 1952 na esperança de se profissionalizar como jogador de beisebol — já naquela época o esporte nacional tanto de Cuba como dos Estados Unidos. A sonhada carreira de *pitcher*, porém, nunca passaria de raros treinos nos campos de times das grandes ligas. Entre voltar a Cuba, onde o esperava a repressora ditadura de Fulgencio Batista (1933-59), e tentar a vida como trabalhador braçal, optou pela segunda alternativa. Mudou-se para Chicago, voltou a ser operário, e lá se casou com Irma Schwerert, neta de alemães e filha de cubanos emigrados, com quem teve dois filhos — René, nascido em 1956, e Roberto, em 1958. E foi em Chicago que a família recebeu a notícia de que Fidel Castro havia posto a pique a ditadura de Batista. Em abril de 1961, quando os Estados Unidos tentaram invadir Cuba pela baía dos Porcos, Cândido decidiu que estava na hora de voltar para a terra natal com a mulher e os filhos.

René nunca mais tinha posto os pés no país em que nascera. Quando Olga o conheceu, em 1983, trabalhava como instrutor de pilotagem em aeroclubes pelo interior do país. E, embora tivesse

apenas 27 anos, era um veterano da Guerra de Angola — nada muito espantoso em Cuba, onde mais de meio milhão de pessoas, ou 5% da população masculina adulta, haviam participado de missões militares no exterior. Mas René não era um anônimo entre os cerca de 300 mil cubanos que lutaram ao lado do Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA, apoiado pela URSS, que combatia a Frente Nacional de Libertação de Angola, FNLA, e a União Nacional para a Independência Total de Angola, Unita, a primeira patrocinada pelos Estados Unidos, China e Zaire, e a segunda pela África do Sul. Ao dar baixa, depois de dois anos nas selvas africanas, período em que realizou 54 missões de combate pilotando tanques soviéticos armados com canhões de 120 milímetros, trazia no peito a medalha do que o governo de Havana denomina oficialmente Combatente Internacionalista.

O dia 8 de dezembro de 1990 começou para ele igual a todos os outros. Acordou às cinco horas e correu oito quilômetros pelas alamedas de Miramar. De novo em casa — um apartamento tão pequeno que o único lugar onde dava para se esticar e fazer quinze minutos de flexões e abdominais era o minúsculo espaço ao lado da cama do casal —, tomou um banho frio, despertou Olga e juntos compartilharam um rápido café da manhã. Não tiveram tempo para muita conversa, porque às sete em ponto passava pela Quinta Avenida o micro-ônibus que recolhia em Havana os funcionários do aeroporto civil de San Nicolás de Bari, a cinquenta quilômetros da capital, onde René trabalhava fazia dois anos como instrutor. Ao se despedirem, ela o lembrou do compromisso noturno que haviam combinado:

- Não se atrase porque às oito temos cinema.
- Às seis estarei de volta, não se preocupe.

Ainda mortificada com o que ouvira no rádio, Olga nem percebeu quando os homens foram embora. Aquilo não parecia uma gravação forjada, nem René aparentava ter sido obrigado a falar aquele monte de asneiras. Desligou o rádio e telefonou para o

cunhado Roberto, advogado que também tinha passado sua temporada em Angola. Sem coragem de dar a notícia por telefone, disse apenas que alguma coisa acontecera com o marido e pediu que ele viesse com urgência a sua casa. Roberto não se assustou. Sabia que o irmão era um exímio piloto, e que as aeronaves de San Nicolás eram revisadas regularmente — às vezes pelo próprio René. Os aviões do aeroclube eram tão seguros que, se quisesse ou precisasse, o piloto poderia até cortar o motor em pleno voo, planar e depois descer em alguma pastagem ou praia. Na pior das hipóteses ele teria sido forçado a um pouso de emergência. Não havia motivo para preocupações. A tranquilidade durou somente até a hora em que ele abriu a porta e deu com uma Olga desfeita, com os olhos inchados. A cunhada o abraçou, chorando:

— René desertou, fugiu para Miami.

Ele arregalou os olhos:

— Você está louca, quem lhe disse isso?

— Ouça a Radio Martí.

Ligou o rádio e o ar foi tomado pela entrevista, repetida pela enésima vez. Com a voz inconfundível, René reclamava das mazelas que o tinham convertido no que em Cuba se considera ser um traidor da Revolução: falta comida, falta dinheiro para comprar comida, falta transporte, falta isso, falta aquilo. Roberto deu um grito:

— Desligue esse rádio! Não quero ouvir esse sujeito falando merda! Esse cara não é meu irmão!

— Esse também não é o René com quem eu me casei, não é o pai da minha filha. Roberto, isso deve ser alguma armação dos gringos!

Não era. Ao meio-dia, depois de lançar do ar o jovem Michel Marín, o último aluno de paraquedismo inscrito no turno da manhã, René viu que o pequeno aeroporto estava semideserto. Aproveitou a hora de almoço dos dois funcionários da torre de controle, cortou com um alicate os cabos do radiocomunicador e

enfiou o microfone no bolso do macacão. Desceu as escadas aos saltos e entrou na cabine da única aeronave estacionada fora dos hangares. Era um Antonov AN-2 amarelo, de asas duplas, fabricado na Rússia quarenta anos antes, aparelho utilizado em Cuba para fumigação agrícola e como rebocador de planadores. Quando o pessoal de terra se deu conta de que algo estranho ocorria, o avião já estava no ar.

René sabia que, embora a torre estivesse sem comunicação, em instantes os radares cubanos seriam avisados da fuga. E, no momento em que seu aparelho fosse detectado, caças MiG de fabricação soviética decolariam da base militar de San Antonio de los Baños, a minutos de Havana, e o forçariam a voltar. Para despistar o controle, voou quase pegado ao solo, em altitude abaixo do alcance da rede de radares. E, ao contrário do que faria qualquer piloto com destino à Flórida, não partiu em linha reta rumo a Key West, ilha no extremo sul dos Estados Unidos, trajeto que levaria apenas quarenta minutos. Atravessou Cuba e, quando chegou ao mar, fez um giro para o nordeste, embicando o aparelho em direção ao arquipélago das Bahamas. Só ao ter certeza de que estava fora das doze milhas do espaço aéreo cubano é que entortou o avião para o oeste, desenhando no ar um zigue-zague perfeito. A manobra deu certo, mas quase custou a vida ao piloto: quando René viu as primeiras ilhotas da Flórida, já fazia uma hora e meia que tinha decolado de Cuba. O combustível só era suficiente para mais dez minutos de voo. Com as mãos suando, sintonizou seu rádio com a torre da base aeronaval de Boca Chica, trinta quilômetros ao norte de Key West, anunciou que era um desertor cubano e que o avião estava em pane seca. Recebeu autorização da Marinha para aterrissar numa das três pistas da unidade militar e, quando as rodas do pesado Antonov tocaram no solo americano, o tanque do avião estava praticamente vazio. “Audaz defecção”, “dramático retorno”, estampavam os jornais, no dia seguinte, ao celebrar o feito. “Depois de protagonizar uma

história de heroísmo, valor e compaixão”, registrou o diário *Miami Herald*, “o audaz René González” não teria problemas para ser aceito pela comunidade cubana em Miami.

Novo herói da margem norte do estreito da Flórida, faixa de mar que separa Cuba de Miami, René deixara no lado sul, em Havana, um rastro de desolação entre amigos e familiares. A primeira e ingrata tarefa que Olga e Roberto enfrentaram foi dar a notícia aos pais de ambos. Foi especialmente duro contar a verdade para o pai dela, o operário Esmerejildo, e para a mãe dele, Irma, velhos militantes comunistas, filiados ao Partido desde antes do triunfo da Revolução. Pela aparência patibular do filho e da nora, tão logo eles apareceram em sua casa, Irma percebeu que algo de ruim acontecera. Olga estava com uma cara péssima, era visível que tinha chorado muito. Mal os dois entraram, Roberto deu um murro na parede:

— René nos traiu, mamãe, ele nos traiu!

A velha senhora não acreditou:

— Não pode ser! Isso não entra na minha cabeça. Não pode ser!

Sem saber o que fazer, Roberto levou-a para os fundos da casa e falou com todas as palavras:

— Mamãe, ele nos traiu e não resta nada a fazer senão aceitar isso. Com o tempo a gente vai se adaptando.

De cabeça inteiramente branca e com os olhos úmidos, Irma se recusava a acreditar no que ouvia. Não podia entender que uma pessoa da qualidade humana do filho, alguém sem nenhum apego a tentações consumistas, pudesse fazer uma coisa daquelas. No fundo, nem mesmo Roberto conseguia decifrar o gesto do irmão. Seria até compreensível se tivesse tido divergências políticas, mas ver alguém com a formação ideológica dele trair “por causa de comida” era, como dizem os cubanos, jogar vinagre na ferida. Embora os dois fossem cidadãos norte-americanos, nenhum deles jamais pensara em se valer dessa condição para

morar nos Estados Unidos. Diferentemente de muita gente que sonhava emigrar, ele e René viviam em Cuba porque queriam, era uma escolha pessoal. Ambos tinham ido a Angola como voluntários. “Não fomos criados para nos preocupar com bens materiais”, repetiria Roberto. “Batata e feijão para nós nunca foram o centro da vida.”

Apesar da generalizada incredulidade, no entanto, a realidade era que René havia roubado um avião e se exilado em Miami — e ponto final. Era com essa dura realidade que a família teria que conviver. Roberto enfrentava as reações mais disparatadas. As pessoas que haviam conhecido o irmão pareciam sinceramente surpresas, sem entender o que o levava a partir. Outros reagiam como se aquela fosse a coisa mais natural do mundo. “Não se martirize com isso”, ouviu várias vezes, “porque René foi apenas mais um, acabou-se, esqueça isso.” Alguns nem sequer escondiam a admiração. “Fez ele muito bem. Piloto competente, ia fazer o que aqui, se não há nem combustível para voar?”, disseram outros. “Isto aqui está uma merda, tinha mesmo é que ir embora.”

A 160 quilômetros de Havana, na Flórida, o desertor era celebrado pela comunidade cubana no exílio. Ao pousar, bastou apresentar a certidão de nascimento comprovando a cidadania norte-americana para que as autoridades militares de Boca Chica o liberassem. Levado para Miami, falou aos jornalistas que o esperavam — entre eles o repórter da Radio Martí, cuja retransmissão, horas depois, sepultaria as dúvidas de Olga e Roberto em Havana. Sem aparentar sinal algum de arrependimento, ele parecia seguro do seu ato. Disse que se sentira “um verdadeiro Cristóvão Colombo” ao ver os primeiros *cayos*, o colar de ilhotas do sul da Flórida, e revelou que aquele era um projeto antigo: “Planejar a fuga levou três meses, mas eu já tinha dado adeus a Cuba há muitos anos”.

Com o passar do tempo o desabafo de Roberto — “a gente vai se adaptando” — adquiria ares proféticos. Embora no íntimo